



Juiz de Fora, um *shtetl* em Minas Gerais

Jacob Pinheiro Goldberg*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

jacobpgoldberg@yahoo.com.br

Na transversalidade, minha foto na retina da minha memória, Juiz de Fora é a cidade onde eu pensava em ídiche, sentia em ídiche e falava em mineirês.

É o falar, a linguagem, que distingue a pessoa. Eu entrava, criança, aos solavancos, no Instituto Granbery, dirigido por Mr. Moore, o reitor missionário protestante.

O Instituto Metodista Granbery, fundado em 1889, era uma espécie de entidade-colégio formada por *cowboys* de Jesus ancorados na Torá, a que chamavam de Velho Testamento.

A rua Marechal Deodoro, onde residia Dona Margarida, amiga e confidente de minha mãe, era palco de procissões noturnas do catolicismo ritualístico que eu assistia como a um filme mexicano de superstição.

A história sempre se desenvolveu como farsa, assim, a partir da “pequena desventura e aventura de pequenos personagens”, a memória me inspirou para a criação do curso de “Psicologia e História”, na Universidade de São Paulo, uma sementeira ideológica para uma releitura política do Brasil.

Na minha casa da infância, todavia, na Rua Batista de Oliveira, os rolos divinos queimados em Auschwitz eram continuamente lembrados como perdidos, tal qual a família de meu pai, que não conseguira visto no passaporte por causa da política antissemita de Getúlio Vargas e do Itamaraty.

Liderei, um pouco depois, com Peralva de Miranda Delgado, como militante da União da Juventude Comunista, a maior greve estudantil em Juiz de Fora por intermédio do DCE.

Preso pelo inspetor Braguinha do DOPS, fui libertado graças à intervenção de meu pai, seu Luizinho, Labaile, que foi conversar com o “turco”, Arbex, da Rua Marechal Deodoro, “brimo”, irmão por afinidade. Os dois, na delegacia, pediram minha soltura.

A URSS invade a Tchecoslováquia e eu caio fora da UJC, União da Juventude

* Doutor em Psicologia, psicólogo, advogado, assistente-social e escritor.



Comunista. As figuras meteóricas como a de Paulo Lenz, o diretor de *A Tarde*, a zona, o meretrício paupérrimo, miserável, onde eu passava lânguidas tardes em conversas com as moças falando de poesia, as únicas que tinham paciência de ouvir o papo furado de feioso esquisito que, desde a infância, pulava no bonde na Rua Espírito Santo, um dumbo brigando com a molecada e inventando a linha que levaria até Jerusalém minhas esperanças e antevisões.

Invenção. Uma cidade nostálgica que se sobrepõe ao asfalto quente da Avenida Rio Branco e que significa a intersecção de Rua Halfeld com Ostrowiec, a cidade de origem de meus pais, que vieram do Leste Europeu, para, em Juiz de Fora, encontrar a Utopia, Kandire.

De tal sorte que minha mãe, Fanny Goldberg, dedica um livro inteiro de poemas, *Minha esperança*, à ela, Juiz de Fora, sua querida cidade.

Quanto a mim, parto partindo...

Recebido em: 23/02/2017.

Aprovado em: 23/04/2017.